

SUBSÍDIOS DE REFLEXÃO PARA UMA ÉTICA DE INSPIRAÇÃO PERSONALISTA

Alino Lorenzon

Departamento de Filosofia — UFRJ e UGF

O movimento filosófico, deflagrado por Mounier nos anos 30, foi por ele mesmo denominado **personalismo**. E a fim de evitar equívocos, desde os primeiros instantes Mounier teve a preocupação de não criar **mais um** sistema filosófico, restrito a uma elite intelectual universitária, presa ao formalismo institucional e desligada dos reais problemas da comunidade humana. Diante da dramaticidade da crise econômico-política do após-guerra e em face da ausência de lideranças lúcidas e socialmente comprometidas com um processo de transformação, surge um pequeno grupo de jovens, liderado por Mounier, jovens dispostos a pensar e a empreender algo que pesasse efetivamente na mudança dos rumos da sociedade. Por isso, não seria um sistema de pensamento idealista da Universidade, e, sim, um movimento a partir dos eventos e da realidade em que estavam inseridos em face do desprezo e do espezinhamento da pessoa humana em todas as suas dimensões.

Assim é que o personalismo se origina da constatação do fracasso de um projeto de civilização ocidental, de inspiração capitalista, com o qual estava comprometido certo catolicismo cultural. A partir daí, toda uma denúncia será feita através da revista e do movimento **Esprit**. E em contrapartida, outra visão de pessoa humana, de sociedade, de teologia e de prática religiosa constituirá o centro de reflexão e de ação. Por isso, e com o objetivo de propor alguns elementos teóricos para a elaboração de uma ética de inspiração personalista, o presente estudo, embora extremamente sucinto, reúne algumas considerações, tiradas da leitura da obra mounierista.

1 — O UNIVERSO PESSOAL

Já foi dito repetidas vezes pelos estudiosos da obra de Mounier que ele não partiu de um sistema filosófico, abstrato e logicamente coerente, para explicar o mistério da pessoa humana. Ao contrário, o caminho inverso é que foi por ele palmilhado apesar dos obstáculos teóricos e práticos de toda ordem. A pessoa, em todas as suas dimensões e desdobramentos, será o ponto filosófico de referência. Inconfundível com os objetos ou com os seres da natureza, cada pessoa é um universo singular e original.

“A pessoa não é o mais maravilhoso objeto do mundo, objeto que conheceríamos de fora, como todos os outros. É a única realidade que

conhecemos e que, simultaneamente, construímos de dentro. Sempre presente, nunca se nos oferece" (**O personalismo**, p. 19).

Daí podermos afirmar que a personalidade, estudada e tratada pelos profissionais das Ciências Humanas, não se identifica, em hipótese alguma, com a pessoa da abordagem personalista. É possível levantar algumas manifestações de sua realidade, bem como traçar um perfil biopsicológico, mas nunca atingiremos a profundidade do seu ser. "Mil fotografias sobrepostas não nos dão um homem que anda, que pensa e que quer" (**Ib.**, p. 18).

Tal afirmação demonstra a convicção na singularidade e na originalidade ontológicas de cada ser humano. Mas, apesar desses pressupostos, é possível falar, embora de maneira sempre incompleta e aproximada, dessa realidade, um tanto misteriosa, na tentativa de levantar algumas de suas dimensões e de suas estruturas fundamentais.

A primeira dimensão é traduzida por um termo de significação filosófico-cristã, muito rica, a **encarnação**. A expressão significa que a pessoa é, ao mesmo tempo, corpo e espírito. O desprezo ou a supervalorização de um ou de outro acarretam conseqüências funestas. Há entre esses dois elementos essenciais uma estreita interdependência e reciprocidade que nenhuma ética pode ignorar sem cair num falso materialismo ou num falso espiritualismo. A separação radical, que certas filosofias e certas teologias idealistas têm defendido, levou a esses extremos. Impõe-se, portanto, a reabilitação da matéria e do espírito a fim de que se possa salvar a ambos. "Efetivamente, as duas experiências não são separáveis: **existir subjetivamente, existir corporalmente** são uma única e mesma experiência" (**Ib.**, p. 51).

No entanto, em base dessa presença íntima, constata-se um duplo movimento antagônico de **personalização** e de **despersonalização**, um processo pedagógico de conquista e de aperfeiçoamento de si mesmo e da natureza em conflito com um processo de degradação e de desumanização. Esses dois movimentos coexistem e podem ser verificados em cada um de nós, explicando, em parte, a luta constante que se trava na interioridade da pessoa e nas sociedades humanas. Por isso, Mounier, ao fundamentar amplamente a complexidade da **existência incorporada**, conclui suas colocações, apelando para um **otimismo trágico**, subjacente às convicções de um pensador de inspiração personalista.

Outra experiência fundamental da pessoa humana é a **comunicação**. Contra a clássica concepção de indivíduo e contra a filosofia individualista burguesa, é preciso restaurar a dimensão da intersubjetividade. Não somos seres solitários, perdidos num universo egoísta e competitivo. Não, a linguagem, a razão e o próprio corpo testemunham e reclamam um direcionamento à comunicação.

“As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O **tu** e, nele o **nós**, precede o **eu**, ou pelo menos acompanha-o” (*Ib.*, p. 63 — 4).

No entanto, para viver a experiência da comunicação, toda uma **ascese**, deve constituir seu suporte, firmado em atos como: a saída para fora de nós próprios, a compreensão, a assunção das preocupações dos outros, a doação e a fidelidade. E esses atos provocarão o desenvolvimento comunicativo da pessoa na medida em que forem animados por um processo constante de **conversão**, isto é, a vida moral não pode ser concebida como algo adquirido uma vez por todas, de maneira perfeita e definitiva. A vida moral é uma luta permanente.

“A vida pessoal é sucessiva afirmação e negação de nós próprios. Este ritmo fundamental encontra-se em todas as suas operações. Afirma-se num permanente trabalho de assimilação das contribuições exteriores. Elaborar-se elaborando-as” (*Ib.*, p. 88 — 9).

Essa concepção explica por que Mounier mantém uma profunda desconfiança das opções éticas inspiradas na ideologia da abundância, do consumo e na filosofia do **ter**.

“Exalta-se a posse do mundo como se ela fosse por si própria libertadora. A dialética personalista do **ter** é menos triunfante. Deve partir duma entropia ou duma involução do **ter**. O desenvolvimento da pessoa implica como condição interior um despojamento de si e de seus bens que despersonaliza o egocentrismo. A pessoa só se encontra quando se perde. A sua riqueza é o que lhe fica quando se despojou de tudo o que tinha — o que lhe fica à hora da morte” (*Ib.*, p. 91).

Por isso, uma ética de inspiração personalista se fundamenta numa **ascese**, isto é, numa purificação constante, num esforço ininterrupto de superação dessa tendência generalizada de apropriação dos bens materiais e culturais. A **conversão**, dentro dessa linha de reflexão, se apresenta como processo, caminhada sem fim, movimento de personalização. Não é uma vitória, conquistada em disputa bélica ou desportiva. É uma espécie de educação permanente no plano ético, cujos horizontes se situam dentro da grandeza do heroísmo e da santidade. Nunca plenamente atingidos, constituem o desafio para quem sentiu na profundidade do seu ser o apelo para testemunhar a possibilidade de outros rumos.

Outro ato e outra dimensão da pessoa humana são o **afrontamento**, isto é, a capacidade de resistir, de contestar, de não aderir, de não se conformar com determinadas situações. É a capacidade de ruptura. Mounier tão persuadido estava de que a pessoa humana é também ruptura que escreveu um livro com o título **L'affrontement chrétien** (*O afron-*

tamento cristão). Escrita durante a Resistência, na Segunda Guerra Mundial, a obra é uma resposta a Nietzsche e retrata a posição heróica e profética, assumida pelo autor sobretudo durante esse sombrio período. Na prisão de Lião, na França, aguardando o julgamento dos nazistas, Mounier lia as obras de Nietzsche e redigia uma resposta às suas acusações, mostrando como o cristianismo em si não é a religião dos fracos e dos covardes ou dos conformistas, mas sim a opção dos corajosos, dos fortes, daqueles que se decidem a enfrentar a "desordem estabelecida" e remar contra a corrente.

O afrontamento é, antes de mais nada, uma dimensão da pessoa e, sobretudo, do cristão, porquanto existir é afirmar e afirmar-se. É negação e separação, isto é, **de-cisão**. Parece um tanto estranho esse tipo de raciocínio na sociedade atual. No entanto, hoje mais do que nunca, é urgente tal posicionamento. Aliás, a virtude da força já era ensinada e praticada pelos antigos mestres da filosofia e do cristianismo. **Contestar** não significa, primariamente, negar ou se opor a uma situação. **Contestar** é, antes de mais nada, pela própria significação etimológica, dar testemunho de outros valores e de outros ideais.

2 – PESSOA E COMUNIDADE

A reabilitação da idéia e da prática comunitária está intimamente ligada à visão mounierista de pessoa. O ser humano não é um ser solitário. Ao contrário, sua existência é **coexistência**. "Quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar.

Estas verdades são o próprio personalismo, a ponto de podermos dizer que há pleonasmos quando se designa a civilização que ele visa por **personalista e comunitária**" (*Ib.*, p. 64).

As concepções individualistas e idealistas de pessoa e sociedade ou de Estado são criticadas e combatidas ao longo da obra de Mounier. O individualismo se apresenta como o inimigo número um do personalismo.

A metafísica do individualismo é a metafísica da solidão. Sua ética é a ética do bem-estar individual acima de tudo e a qualquer preço. Sua economia é a economia do lucro e do esbanjamento, ao contrário de uma economia voltada para a pessoa e a comunidade. A religião individualista é a religião que somente procura a própria salvação, estabelecendo uma separação radical entre a vida religiosa e a vida pública.

Em contrapartida, o personalismo enfatiza a dimensão comunitária junto com a dimensão individual. Também não prega o retorno às pequenas comunidades rurais, como solução dos problemas dos grandes aglomerados humanos. Em qualquer hipótese, a estatura das coletividades

não é aquela que conhecemos através da vizinhança puramente física do presente espaço urbano. A formação de comunidades de pessoas e de núcleos humanos, em que cada um é reconhecido como sujeito e não como simples número, é a proposta personalista. Para a formação de núcleos realmente comunitários, de "um mundo de pessoas", como afirmava Mounier, é preciso que as estruturas de sustentação sejam pensadas e concebidas à sua altura. É um pouco do que se observa atualmente em certos movimentos comunitários, em que o reconhecimento efetivo de todos como sujeitos é progressivamente assumido. Tem-se a convicção de que todos, qualquer que seja seu **status**, possuem algo para dar, porquanto todos são portadores de uma subjetividade, de uma experiência inédita. Essa preocupação com a possível e real participação de cada um na comunidade faz com que os formalismos e rituais das sociedades civis burocratizadas passem em segundo plano, já que todos se sentem reconhecidos como pessoas.

A transformação de alguém, que se sentia apenas como **mais um** dentro da multidão, em pessoa se opera a partir do instante em que esse reconhecimento começa a se efetuar noutra perspectiva. Vizinhos que apenas se conheciam na impessoalidade dos encontros ocasionais e rotineiros passam a se reconhecer dentro de outra perspectiva e dentro de outra prática comunitária. É interessante participar desse processo e acompanhar sua evolução e crescimento. Os movimentos comunitários constituem atualmente, como na época de Mounier, uma das grandes oportunidades de romper com o individualismo e o autoritarismo de toda espécie. É toda uma **pedagogia** que se instaura, fundando um novo tipo de relacionamento e de reconhecimento. É outra ética, a ética da participação, descentralizada até a pessoa, para a mudança de atitudes e de estruturas, que deverá orientar o comportamento humano.

No entanto, a situação e o contexto nacionais e mundiais, em que viveram Mounier e seus companheiros, foram marcados por profundas mudanças, por crises gravíssimas, bem como pela implantação e consolidação de sistemas sócio-econômico-políticos injustos e desumanos. Tal situação foi descrita e caracterizada por Mounier numa fórmula que se tornou clássica e lapidada, denominada "desordem estabelecida", fruto, de um lado, do capitalismo individualista e de certo catolicismo egoísta e cultural e, de outro lado, do comunismo burocrático e autoritário.

A revista **Esprit**, fundada em outubro de 1932, revista mensal internacional, declarava explicitamente em seu título ser "de inspiração personalista em luta contra a desordem estabelecida".

Para o personalismo essa "desordem estabelecida" era, antes de mais nada, uma desordem espiritual e moral. A desordem econômica e político-social que reduz multidões de seres humanos à miséria, à fome e à privação do mínimo exigido pela dignidade efetiva da pessoa humana, é o

sintoma e o resultado de outra desordem mais profunda e mais grave. Por isso, Mounier e seus companheiros têm constantemente proclamado ser a revolução ao mesmo tempo moral, espiritual, social, econômica e política.

“Não existe uma técnica de necessidades e, por cima, inoperantes, místicas da cidade. Não há uma técnica do governo e, por cima, inoperante, uma religião invisível do espírito. O espírito comanda o político e o econômico”¹.

É a trágica constatação, é a grave denúncia, constantes do documento-base, intitulado “Refaire la Renaissance” (**Refazer a Renascença**), redigido no final do encontro em Font-Romeu. É importante assinalar os termos em que o documento foi escrito, sua filosofia, seu diagnóstico e sua denúncia da “desordem estabelecida”. A afirmação de Péguy dá o tom do documento: “A revolução será moral ou não será”². Com essa visão e com essa convicção, Mounier e seus companheiros participaram de um movimento, que visará a dissociar o espiritual do burguês e do reacionário, já que detentores do poder também se confessavam religiosos e espiritualistas. O primado será dado ao moral e ao espiritual, desvinculados da ideologia e da prática, comprometidas com o **status quo**. O personalismo assumirá um compromisso explícito e declarado com a redução e a eliminação da miséria. Nas primeiras linhas do documento acima citado, Mounier nos adverte: “Quem não sentir em primeiro lugar a miséria como uma presença e uma queimadura em si nos fará objeções vãs e falsas polêmicas”³. É uma afirmação dura e ao mesmo tempo profética. Dá-nos a idéia de uma tomada de consciência da situação e da realidade, que certas filosofias idealistas da época não percebiam ou propositadamente ignoravam.

A miséria, denunciada por Mounier em 1932 e ao longo de toda a sua vida, continua presente hoje em proporções talvez ainda maiores e mais gritantes. É a miséria, oriunda da desordem moral e espiritual, como a miséria resultante da desordem econômica e política. Não há necessidade de reproduzir aqui as críticas, constantemente dirigidas por pessoas e por grupos mais lúcidos contra esse estado de coisas.

Nosso objetivo consistiu apenas em apontar alguns elementos teóricos de uma ética personalista, elementos que poderão ser retomados de maneira mais ampla e mais aprofundada em análises posteriores.

E para encerrar essas breves considerações, vou transcrever a afirmação de um estudioso brasileiro da obra de Mounier.

“Este é o sentido da filosofia moral de Mounier: a ação será sempre um compromisso entre as exigências da transcendência humana, significadas pelos valores, e as imposições da imanência, transcritas nos determinismos concretos das situações.

Assim a pessoa situada, interpelada pelos valores, é responsável pela constituição de seu ser pessoal e comunitário. Daí uma perspectiva estritamente ética e uma perspectiva política”⁴.

NOTAS

- (1) E. Mounier. **Révolution personaliste et communautaire**. In: **Oeuvres de Mounier**, Tome 1, 1931 – 1939, p. 142.
- (2) *Ib.*, p. 137.
- (3) *Ib.*, p. 133.
- (4) Antônio Joaquim Severino. **A antropologia personalista de Emmanuel Mounier**, p. 142.

BIBLIOGRAFIA

- MOUNIER, Emmanuel. **Révolution personaliste et commnautaire**. In: **Oeuvres de Mounier** Tome 1, 1931 – 1939. Paris, Le Seuil, 1961, p. 127 – 406.
- MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Trad. de João Bénard da Costa. 3ª ed., Lisboa, Moraes, 1970. 211 p.
- MOUNIER, Emmanuel. **L'affrontement chrétien**. In: **Ceuvres de Mounier**, Tome 111, 1944 – 1950. Paris, Le Seuil, 1962. p. 7 – 66.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **A antropologia personalista de Emmanuel Mounier**. São Paulo, Saraiva, 1974. 158 p.
- OBSERVAÇÃO: O presente artigo é uma modesta homenagem a Emmanuel Mounier pela passagem do 50º aniversário da revista e do movimento **Esprit**, fundados em Font-Romeu, nos Pirineus, França, em outubro de 1932.